

| 03 | DISPERSÃO E DIFUSÃO, URBANIZAÇÃO E CIDADES:

MÚLTIPLAS DIMENSÕES, MÚLTIPLOS OLHARES

Maria Encarnação Beltrão Spósito

Desde a segunda metade do século XIX observou-se, nos Estados Unidos, a emergência de áreas urbanas residenciais afastadas dos tecidos urbanos compactos e consolidados de diferentes cidades. Contudo, somente nas últimas décadas, esta tendência vem se estabelecendo de modo efetivo nos espaços urbanos brasileiros.

O espraiamento dos tecidos urbanos, suas rupturas e descontinuidades, bem como a tendência à redefinição das lógicas de distribuição espacial dos usos residenciais, industriais, comerciais e de serviços indicam transformações profundas. Elas merecem análises a partir da valorização de múltiplas dimensões desta nova realidade urbana, tanto quanto se considerando múltiplos olhares, segundo formações profissionais e visões teórico-metodológicas distintas entre si.

Estamos diante de uma completa redefinição do paradigma centro x periferia que orientou, durante tanto tempo, as lógicas de estruturação dos espaços urbanos em várias escalas. Assim, a produção do espaço urbano e as formas de sua apropriação são reorientadas por novos interesses, apoiados em novas condições tecnológicas e valores culturais, gerando estruturas mais complexas que, muitas vezes, congregam várias cidades.

Não se trata mais, apenas, de processos de aglomeração urbana que se expressam em tecidos urbanos densos, contínuos e extensos tão característicos da urbanização fordista. O que temos agora são estruturas espaciais reticulares, que combinam concentração e vazío. Elas se sobrepõem às anteriores, combinando-se com elas e revelando a composição de espaços urbanos muito mais orientadas pela circulação do que pela localização, embora estes dois elementos em suas articulações, como sempre, continuem a ser os vetores dos processos espaciais.

Temos, então, transformações profundas nas formas de se articular o espaço e o tempo, tanto na escala da estrutura reticular do conjunto de cidades, como no âmbito de cada uma delas, por meio das práticas espaciais reveladas no cotidiano urbano.

Estes novos contextos urbanos, tão reveladores da reestruturação espacial que lhes é atinente, têm chamado grande atenção dos pesquisadores e planejadores. Assim, não é sem razão que inúmeros conceitos têm sido lançados para tratar das novas dinâmicas, tanto quanto outros tantos são retomados e têm seus conteúdos revistos com o objetivo de enfrentar os desafios, tanto no plano teórico, como no plano do vivido, objetiva e subjetivamente, por milhões de cidadãos.

Gottmann (1961), de modo precursor, chamava atenção para a necessidade de uma revisão conceitual. Assim, não foi ocasional voltarmos aos conceitos de suburbanização e periurbanização, bem como o aparecimento de seus correlatos contraurbanização e exurbanização. Além deles, destacando um ou outro aspecto das novas formas de extensão do tecido urbano, foram propostos: urbanização e cidade dispersas (MONCLÚS, 1998 e 1999; FONT, 2007; REIS Filho, 2006 e 2007), urbanização e cidades difusas (INDOVINA, 1997; MONCLÚS, 1998; DEMATTEIS, 1998; FONT, 2007; DOMINGUES, 2007; SECCHI, 2007), difusão reticular (DEMATTEIS, 1998); (BERRY, 1976; CHAMPION, 2001), rururbanização (CHARRIER, 1970; BAUER e ROUX, 1976), cidade pós-moderna (AMENDOLA, 2000), cidade informacional (CASTELLS, 1999), novas formas de assentamento humano e organização regional da vida urbana (GOTTDIENER, 1993), megalópolis (Gottman, 1961), métapolis (ASCHER, 1995), edge cities (GARREAU, 1991), outer cities (SOJA, 2008), cidades-

região (SOJA, 2006; SCOTT et al, 2001), pós-metrópoles e exópolis (SOJA, 2008); tecnópolis (CASTELLS e HALL, 1994); e-topia (MITCHELL, 2002) etc.

Estas iniciativas de encontrar novas expressões capazes de designar os novos conteúdos do urbano e suas novas formas espaciais mostram a amplitude do desafio que temos diante de nós. A urbanização e a cidade amparam e refletem diferentes dimensões da vida social – econômica, política, cultural etc; além disso, são orientadas, no período atual, por alterações em suas relações com o rural e o campo, da cidade à escala internacional passando pelos níveis da região e do território nacional, mostrando que é importante repensar as relações entre centro e periferia, em várias escalas.

Embora a temática venha sendo muito estudada, estamos longe de conseguirmos tratar com profundidade e amplitude maiores o que seria particular à formação social brasileira e o que pode ser compreendido como singular quando se considera uma dada dimensão da realidade e/ou uma dada área urbana.

Por isso, apresentamos alguns elementos que podem ser objeto de atenção, sob a forma de questões para orientar o debate que se deseja realizar.

As novas formas de produção do espaço urbano, que levam à constituição de tecidos urbanos mais dispersos, estariam de que modo e com qual intensidade gerando impactos ambientais, visto o uso mais extensivo da terra e a ampliação da adoção do transporte automotivo, como forma de deslocamento principal?

Em que medida a baixa densidade e qualidade das vias disponíveis para o deslocamento urbano e interurbano no Brasil, comparativamente ao observado nos Estados Unidos e na Europa, são fatores que limitam o espraiamento do tecido urbano e/ou segmentam ainda mais as possibilidades de direito à cidade, porque dificultam a mobilidade das pessoas de menor poder aquisitivo?

As novas dinâmicas poderiam ser vistas como uma simples dilatação das velhas periferias urbanas, agora estendidas à escala regional, da forma como já sugeriu Dematteis (1999)?

A dispersão e a difusão urbanas representam uma profunda alteração na qualidade das relações entre tempo e espaço cotidianos ou, apenas, representam mudanças na quantidade dos deslocamentos e na intensidade deles?

Qual é a gênese das dinâmicas em curso e quais os interesses que, no caso brasileiro, orientam as lógicas que promovem a conformação de um tecido urbano mais disperso e mais segmentado?

Em que escalas geográficas o processo de dispersão do tecido urbano e de difusão da urbanização podem ser reconhecidos como vetores que colocam em xeque a vida urbana, considerando-a como possibilidade de convivência com as diferenças?

O aumento das práticas e interesses econômicos associados ao turismo e a tendência de mescla dos usos de solo urbanos aos rurais beneficiam-se da dispersão urbana? Ou são vetores que tornam mais complexa e menos interativa a vida social, nela compreendida diferentes valores políticos e culturais?

Como compreender as novas relações entre o espacial e o social, à medida que a cidade se dispersa e os processos de junção e aglomeração de tecidos urbanos pretéritos conformam estruturas mais extensas e articuladas, apenas, pelo circulação automotiva?

Homogeneidade e heterogeneidade de usos do espaço e de segmentação socioespacial combinam-se de que modo, à medida que os tecidos urbanos ampliam-se e se tornam menos densos em seus conjuntos?

De que modo se efetiva a articulação das áreas residenciais com os espaços de consumo, de trabalho e de vida social, quando as novas estruturas espaciais reticulares combinam-se e se distanciam daquelas mais consolidadas em que os usos de solo mesclam-se de modo mais intenso?

Estes pontos apresentados de modo sintético apontam para a pertinência de uma sessão livre no XV ENANPUR em que possamos dar continuidade ao diálogo em torno deste conjunto

de questões, debate este já efetivado nos dois encontros anteriores (2009 e 2011), em sessões desta natureza coordenadas pelo Prof. Dr. Nestor Goulart Reis Filho.

Palavras-chave: Urbanização dispersa, Cidade dispersa, Urbanização difusa

ANÁLISE DOS PADRÕES DE URBANIZAÇÃO DISPERSA NAS MICRORREGIÕES DO VALE DO PARAÍBA PAULISTA E FLUMINENSE

Júlio Cláudio da Gama Bentes

Resumo

A urbanização tem assumido formas e ritmos surpreendentes na escala planetária, desde a segunda metade do século XX, quando ocorreram significativas mudanças no cenário mundial. O processo de urbanização, com suas diversidades e particularidades, modificou-se e continua a se alterar em cada continente, país, macro, meso ou microrregião, podendo ser percebido tanto na escala regional quanto na intraurbana. Aliado às mudanças na urbanização está o crescente processo de dispersão, que dá vida a novas territorialidades, com configurações peculiares. O processo de urbanização dispersa é mais evidente em lugares onde os índices de urbanização são mais elevados. Pode-se notar que, nessas localidades, existe a formação de áreas metropolitanas e aglomerados urbanos que possuem uma ou mais centralidades e que determinam ao seu redor áreas dispersas. O trabalho estuda o estágio atual da urbanização e as motivações que geram os modos contemporâneos de vida urbana nas microrregiões do Vale do Paraíba paulista (SP) e fluminense (RJ). São indicados e analisados os padrões de urbanização com características de dispersão urbana: 1) conectado ao tecido pré-existente (intraurbano); 2) de borda, limítrofe entre os usos urbano e rural; 3) desconectado da malha urbana e circundado pelo uso rural. A partir de imagens aerofotométricas recentes, utilizando-se o programa Google Earth, delimitou-se as áreas dispersas em ambas microrregiões. Em seguida, essas áreas foram caracterizadas conforme os padrões de urbanização, o uso e ocupação predominantes. Para a determinação destas últimas características realizou-se pesquisas de campo e levantamentos fotográficos, complementando a análise dos padrões de dispersão.

Palavras-chave: Urbanização dispersa, Formas urbanas, Vale do Paraíba Paulista e Fluminense

URBANIZAÇÃO DISPERSA E AS TRANSFORMAÇÕES DO TECIDO URBANO AO LONGO DO RODOVIA ANHANGUERA - SP

Daniela Maria Eigenheer

Resumo

Partindo do princípio que as tendências da urbanização no Brasil incorporam as transformações espaciais da economia, busca-se aqui analisar o surgimento a partir de 1990 de novos padrões de ocupação do tecido urbano ao longo da Rodovia Anhanguera, relacionado com uma nova dinâmica e localização das atividades econômicas, possibilitadas pela evolução das técnicas de comunicação e de transporte. Através da análise da evolução

histórica do vetor noroeste da capital paulista, atualmente constituído pelo Sistema Anhanguera/Bandeirantes, aliada a observações empíricas, dados econômicos e territoriais que impactam na ocupação das áreas adjacentes a esse eixo regional, busca-se o entendimento do processo de ocupação que vem ocorrendo nesse importante corredor terciário, estruturador do maior PIB do Estado e da macro configuração do território Paulista. A partir desse estudo, objetiva-se contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas metropolitanas e regionais mais abrangentes que atuem de forma eficaz nesse importante vetor do Estado, evitando que as desigualdades da metrópole contemporânea nele se reproduzam.

Palavras-chave: Urbanização dispersa, Tecido urbano, Eixo Rodovia Anhanguera

DISPERSÃO URBANA EM FORTALEZA-CE: OS CONDOMÍNIOS FECHADOS E OS EQUIPAMENTOS TURÍSTICOS NA PERIFERIA METROPOLITANA

Beatriz Helena Nogueira Diógenes

Resumo

O artigo tem como objetivo principal abordar as formas de crescimento urbano da área metropolitana de Fortaleza, verificadas nas três últimas décadas (1980-2010), examinando e analisando as transformações relevantes ocorridas na estruturação do espaço urbano, buscando relacioná-las com os processos recentes de urbanização. A expansão da área metropolitana de Fortaleza apresenta atualmente dinâmicas próprias e diferenciadas, distintas do modelo centro-periferia, que predominou até a década de 1980-1990. Existem processos urbanos novos e inéditos e em conformidade com as formas mais recentes de urbanização, à semelhança do que ocorre em outras aglomerações urbanas do Brasil e do mundo. Essas dinâmicas são mais evidentes no setor sudeste da Metrópole, onde se constatou ocorrerem espacialidades novas e padrões de tecido urbano diferenciados. Ali se verificam novos tipos de produção de centralidade e a presença de núcleos dispersos e descontínuos, formados por condomínios horizontais fechados e equipamentos turísticos, dispostos ao longo do litoral. Este setor pode ser caracterizado como o mais representativo das novas formas de urbanização, indicando rupturas com o modelo tradicional de assentamento urbano. O estudo aborda igualmente os impactos ambientais advindos da implantação dos condomínios na região, rica em recursos naturais, assim como dos empreendimentos turísticos, que provocam mudanças radicais na paisagem natural. O exame da situação é fundamental para se buscar modos de lidar com essa nova realidade e para que sejam criados instrumentos que permitam subsidiar futuras propostas de planejamento e intervenções mais consistentes.

Palavras-chave: Dispersão urbana, Condomínios fechados, Fortaleza

CONVIVÊNCIA URBANO-AMBIENTAL NA URBANIZAÇÃO E EXPANSÃO URBANA NA REGIÃO ADMINISTRATIVA DE CAMPO GRANDE (RJ)

Maria de Lourdes Pinto Machado Costa

Resumo

A reflexão buscou associar a ocupação do território na escala da Região Administrativa de Campo Grande, na cidade do Rio de Janeiro, e as consequências da urbanização e expansão urbana ocorridas nas últimas décadas, envolvendo a questão ambiental. Neste sentido, procurou analisar os impactos em seus sistemas urbano e natural, tendo como referência as propostas estabelecidas no Projeto de Estruturação Urbana - PEU de Campo Grande, formuladas nos anos 1990. Averiguou-se as interfaces que se delineiam entre a implantação de moradias - sobretudo pelo Programa Minha Casa Minha Vida - MCMV no bairro de Campo Grande - e as condições ambientais existentes. A metodologia foi orientada pela revisão do processo de distribuição da população sobre este espaço no tempo, e de seus tentáculos expansionistas, evidenciados na malha viária que dá sustentação à dinâmica urbana, com seus múltiplos acessos e comunicações terrestres entre o centro deste bairro e as regiões vizinhas, sobre as quais ele exerce atratividade. Também foi estimado o grau de interferência nas margens dos cursos d'água, o avanço sobre as áreas livres e verdes, de modo a se constatar a convivência entre os ecossistemas originais e as atividades humanas crescentes na área. Utilizou-se como instrumental para essa avaliação: o mapeamento da ocupação e os dados disponíveis sobre o quadro geral nas duas escalas (RA e bairro), de acordo com os registros mais recentes, divulgados oficialmente, o que serviu de respaldo para a constatação no campo, em relação aos objetivos do estudo e consolidação (ou não) daqueles critérios.

Palavras-chave: Estruturação urbana, Questão ambiental, Rio de Janeiro

DISPERSÃO URBANA EM ARACAJU (SE): POLÍTICAS PÚBLICAS, CONDOMÍNIOS FECHADOS E CONFLITOS AMBIENTAIS

Sarah Lúcia Alves França

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a dispersão urbana em Aracaju, consagrada na Zona de Expansão Urbana - ZEU, como materialização da atuação do Estado, do capital imobiliário, com especial atenção às questões ambientais, geradoras de intensos conflitos sociais. Nos últimos 30 anos, Aracaju tem sido alvo de intervenções que comprometem o desenvolvimento urbano, como a ocupação do espaço conduzida pela ação do governo através de investimentos públicos e pela valorização de terra, induzida pela indústria da construção civil. A ZEU, definida pelo Plano Diretor como Zona de Adensamento Restrito, abrange o litoral costeiro sul do município, onde estão sendo implantados conjuntos populares, condomínios horizontais e verticais que dirigem para esta área, o crescimento fragmentado da cidade. A inserção dessas novas tipologias habitacionais tem acentuado a degradação ambiental, através do desmonte de dunas e aterramento de mangues e lagoas, somadas a precariedade de infraestrutura, ausência de drenagem e esgotamento sanitário, além da falta de cumprimento das normas e leis, que regem o uso e ocupação do solo. Para trabalho, foram realizados levantamento documental, bem como a elaboração de tabelas e mapas a fim de traduzir espacialmente, o referido processo. Verifica-se, que a ocupação dispersa da ZEU é incentivada pelo mercado imobiliário e pelo Estado, a partir da oferta de acessibilidade, melhorias urbanas e construção de conjuntos habitacionais. Essas ações

acarretam uma produção do solo, regida por uma legislação contraditória que permite o adensamento populacional, com acirramento dos conflitos ambientais e a precarização das condições de vida dos moradores.

Palavras-chave: Dispersão Urbana, Planejamento Urbano e Ambiental, Aracaju.